

Banco Central divulgará Taxa Selic até as 19h de cada dia útil

Iniciativa busca dar mais previsibilidade ao mercado e segue recomendações da Iosco

A Taxa Selic agora é divulgada até às 19h de cada dia, independentemente do encerramento do Selic. A mudança entrou em vigor no dia 25 de novembro e foi implementada pela [Resolução 46](#) do Banco Central. Isso significa que só serão consideradas as operações atualizadas até as 18h30. Na véspera de Natal, se for dia útil, assim como no último dia útil do ano, entram as negociações registradas até as 13h, sendo a taxa divulgada até às 13h30.

[+ Confira a Resolução 46 na íntegra](#)

A iniciativa dará mais previsibilidade para o mercado e segue os princípios recomendados pela [Iosco](#) (Organização Internacional das Comissões de Valores Mobiliários) para aperfeiçoar a governança relacionada às taxas de juros dos países.

O Banco Central também aprimorou os critérios e procedimentos de apuração da taxa, incluindo o fallback (critério que determina o uso de uma metodologia de cálculo alternativo). Também foi determinada que as operações que buscam dar liquidez no SPI (Sistema de Pagamentos Instantâneos) não farão mais parte da base de cálculo.

Entenda

A Taxa Selic é calculada diariamente com base nas taxas utilizadas em operações compromissadas com prazo de um dia útil, com lastro em títulos públicos federais, liquidadas no próprio Selic (Sistema Especial de Liquidação e de Custódia) e em sistemas operados por câmaras ou prestadores de serviços de compensação e de liquidação. Ela é diferente da meta para a Taxa Selic, que é definida nas reuniões do [Copom](#).

Congresso 2020: Mercado de capitais brasileiro ainda tem muito espaço para crescer

Impulsionado pela baixa taxa de juros, 2020 se mostrou um dos melhores anos em número e volume de IPOs e follow-ons no Brasil

O mercado de capitais passa por um processo de transformação e crescimento, especialmente em ações e chegada de novas empresas à Bolsa. Caso a taxa de juros se mantenha baixa, esse é só o começo. Essa foi a conclusão de um dos debates de painel do [Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#), evento organizado pela ANBIMA e pela [B3](#), nesta quinta-feira (27).

O ano de 2020 começou com força nas ofertas e dava indícios de que seria promissor para o setor. No entanto, veio a pandemia da Covid-19 e as emissões foram interrompidas entre março e abril. “Mas a recuperação foi rápida. Em maio, foram quatro operações e desde então houve uma aceleração bem impressionante a ponto de indicar este como um dos melhores anos em número e volume de abertura de capitais e ofertas aqui no Brasil”, conta Sérgio Goldstein, vice-presidente do [Fórum de Estruturação de Mercado de Capitais](#) da ANBIMA.

Até novembro, foram 25 estreias na B3, contra cinco operações em todo ano de 2019. Esses IPOs (oferta pública inicial de ações) movimentaram quase R\$ 32 bilhões, volume 220% superior ao do ano passado. “Essa euforia deu uma segurada a partir de agosto”, avalia Goldstein. Mas o cenário, de acordo com ele, é de um mercado pujante, vetor de crescimento para o país, que ajuda as empresas a se financiarem.

“Estamos apenas no começo”, disse Paulo Weickert, sócio-fundador da Apex Capital. Para ele, o país está apenas no início da migração de investimento em renda fixa para outros ativos, como as negociações na Bolsa. “Mesmo atingindo recordes no número de CPFs na B3 ainda é um número

baixo comparado a outros países”, lembra. Segundo o executivo, o juro baixo é o grande impulsionador e, se ele se mantiver em um dígito durante um bom tempo, será positivo para o crescimento do mercado de capitais e da Bolsa, com novas companhias sendo listadas.

Expectativas

Um dos desafios atuais é incentivar a entrada de pequenas empresas no mercado. Na opinião de Bruno Zaremba, head da equipe de Private Equity da Vinci Partners, a maioria das operações busca levantar mais de R\$ 1 bilhão para ingressar no mercado de ações. “Se você vende um terço da companhia, está falando de uma empresa que vale R\$ 3 bilhões. E, para ela valer isso, precisa de um lucro entre R\$ 150 mil e R\$ 200 mil. Esse é o tamanho da empresa que hoje poderia entrar no mercado”, diz, ao considerar que isso realmente restringe o acesso.

“Temos muitas companhias grandes que ainda são privadas e não listadas na Bolsa. Faz parte dessa evolução natural que a redução nas taxas de juros proporcione a chegada de companhias menores ao mercado. Mas é preciso que as pessoas físicas comprem ofertas, porque não serão os institucionais que farão essas compras. É uma questão de tempo”, diz Weickert. Ele compara a trajetória das empresas de menor capitalização com os fundos imobiliários no Brasil: eles cresceram ao longo do tempo e hoje são fortes e com ofertas de diferentes ativos, ancorados pelos investidores pessoa física.

Congresso 2020: Negociações de alta frequência se descolam da imagem de causarem distorção no mercado

Executivos rebatem a ideia de que as HFTs, operações de compra e venda de ativos por meio de algoritmos, levam a uma “liquidez fantasma”

O uso de tecnologias de negociação de alta frequência no mercado de ações, conhecida por HFT (High Frequency Trading), muitas vezes é associada a um aumento da volatilidade dos mercados e à criação de uma “liquidez fantasma”, ao distorcer os números pelo grande volume de operações feitas em segundos. A ideia de que as HFTs não têm esse impacto nas negociações e não causam prejuízos foi o ponto central do painel dedicado ao tema, realizado nesta quinta-feira (26) no [Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#), evento organizado pela ANBIMA e pela [B3](#).

Jan Boomaars, CEO do Grupo Optiver, aguarda, até hoje, um “estudo sério” que comprove a relação entre negociações com alta frequência e distorções de mercado. “Chegamos a observar ao contrário: quando deixamos algum local em que atuávamos com frequência, observamos que a volatilidade sobe”, comenta. “Claro que, em momentos de estresse, os spreads sobem, mas pelo aumento da incerteza e diminuição dos players. Não tem nada a ver com a presença de HTFs no mercado”, acrescenta Boomaars em resposta ao questionamento feito por Tilman Lueder, responsável por mercado de capitais na Esma, autoridade europeia de valores mobiliários.

A resposta de Troy Kane, chefe de Derivativos Globais e Desenvolvimento de Renda Fixa, Câmbio e Commodities na Citadel Securities, sobre as suspeitas de que os HTFs prejudicam a formação de preço, foram na mesma direção do executivo da Optiver. “Alguns trabalhos que associavam volatilidade e negociações com alta frequência têm mais de dez anos, são ultrapassados. Hoje, tem muito mais investidor operando com algoritmos e ainda assim os spreads são mais justos com mais liquidez e mais transparência”, comenta Kane. Ele também considera um equívoco o uso do termo “liquidez fantasma” para se referir a um aumento da liquidez, pelo uso de HTFs, de maneira enganosa. “Na Citadel, atuamos em mais de 35 locais no mundo, são milhares de instrumentos sendo negociados todo dia. Entregamos a melhor precificação e qualidade da execução de uma ordem ao nosso cliente. Geramos valor”, diz.

[+ Participe do Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais!](#)

Segundo Lueder, o volume de operações na Europa com HTFs passa perto de 60% em ações. “No Brasil, chega a 35% e está crescendo rapidamente. É um tipo de negociação que favorece a

liquidez e ajuda a mercados como o do Brasil a se desenvolverem”. Boomaars menciona o forte desenvolvimento no país. “Nós fomos os primeiros formadores de mercado que entraram no Brasil, há dez anos, quando a bolsa tinha Vale e Petrobras, basicamente. Ao longo deste tempo, trabalhamos muito com a B3 e o regulador para que o mercado local fosse atrativo ao estrangeiro, o que aconteceu”, conta.

A diferença entre a realidade brasileira, com as negociações centralizadas em uma única bolsa, e os mercados americano e o europeu, com vários players, foi lembrada pelos participantes. “Um modelo fragmentado como o americano tem pros e contra, é mais competitivo e tem muitos concorrentes, o que é bom. Mas o essencial, sendo um mercado fragmentado ou não, é que a informação esteja disponível em um único local de forma transparente”, comenta Lueder, acrescentando que isto ocorre no Brasil com apenas uma bolsa.

Congresso 2020: Atuação de influenciadores financeiros precisa ser acompanhada pela regulação

“Investidores-torcedores” e apostadores do mercado financeiro também são motivo de preocupação

As redes sociais transformaram as relações pessoais na última década e popularizaram a figura dos influenciadores digitais. Em anos recentes, alguns personagens passaram a multiplicar seguidores com vídeos e postagens em um tema para lá de polêmico: investimentos pessoais. A linha que separa uma opinião de uma recomendação é tênue e pode esconder conflitos de interesses. Assim, a atuação desses novos “magos” das finanças precisa ser acompanhada de perto pelos reguladores.

A opinião é de Tito Gusmão, fundador da plataforma de investimentos Warren, que participou de um painel sobre o tema no [Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#), evento organizado pela ANBIMA e pela [B3](#) nesta quinta (26). “Identificar a motivação financeira do influenciador talvez seja uma forma de a CVM filtrar o que é opinião e o que é recomendação. Se a pessoa é remunerada por aquilo, precisa passar por escrutínio por parte do regulador”, diz.

[+ Participe do Congresso Brasileiro de Mercado de Capitais](#)

Adeodato Volpi Netto, sócio-fundador da Eleven Financial Research, lembra que a atividade do analista de valores mobiliários é regulada pela [Instrução CVM 598](#), que estabelece o que é uma recomendação de investimento. No dia a dia das redes sociais, entretanto, a linha que separa recomendação de opinião dos influenciadores é quase imperceptível – e pode impactar a base de seguidores. “Dependendo do alcance que essa pessoa tiver, emitir uma opinião ou falar sobre sua própria carteira de investimentos acabará influenciando outras pessoas. Vejo esse tema com muita preocupação”, afirma.

A [CVM](#) discute atualmente o quanto esses influenciadores financeiros digitais impactam a tomada de decisão dos seus seguidores. George Wachsmann, sócio-fundador da plataforma de investimentos Vitreo, lembra que o regulador emitiu um parecer recente sobre a atuação desses players. “A autarquia diz que as pessoas têm direito a se manifestar sobre investimentos financeiros, mas, se forem específicas em uma recomendação, o próprio regulador vai avaliar se está havendo uma remuneração diretamente ou indireta sobre isso”, conta.

Investidores sócios-torcedores

Uma das críticas de Volpi Netto é sobre o surgimento dos “sócios-torcedores” no mercado financeiro. Via de regra, são investidores que compram ações de uma determinada empresa e usam mídias sociais como o Twitter para comemorar cada centavo de valorização, como uma torcida organizada. “E a pessoa fica enlouquecida se alguém emite uma opinião contrária à dela. É um nível de histeria inacreditável. Recebo e-mails de clientes falando sobre um ticker [código que identifica uma ação] que eles compraram mesmo sem saber do que se trata, só porque ouviram

falar no YouTube ou no Twitter”, comenta.

Gusmão observou que um novo perfil de investidor ganhou os holofotes globalmente nos meses mais intensos da pandemia: os apostadores. “Isso também ocorreu no Brasil, que nunca foi um país aberto a jogos. Nas redes sociais, elas mostram a bolsa como um cassino e isso é bastante prejudicial em um momento que os brasileiros precisam aprender a investir em empresas”, conta.

Meios digitais também são aliados

Investimento é um assunto sério e os brasileiros precisam ter maior diligência na escolha do conteúdo e informações que consomem sobre finanças pessoais. “Com a evolução da tecnologia, as respostas se tornaram commodities e as pessoas precisam aprender a fazer as perguntas: como eu posso investir melhor, como posso diversificar os investimentos, como construir um patrimônio de longo prazo? Só não digite no Google 'como ficar rico no ano que vem'”, exemplifica Volpi Netto.

Ao mesmo tempo em que são utilizados por aproveitadores que vendem promessas de enriquecimento fácil, os meios digitais também são aliados dos profissionais de investimento na tarefa de compartilhar conteúdo de qualidade, interagir e ajudar as pessoas a tomar as melhores decisões para suas aplicações. “A recomendação é sempre buscar fontes confiáveis, instituições respeitadas e com boa reputação”, diz Volpi Netto. “Nossa missão é que é preciso pensar no longo prazo, que ficar rico leva tempo, que é preciso construir um tijolo de cada vez. O problema é que se alguém fala que é possível conquistar um milhão em uma semana terá mais apelo”, completa Gusmão.

Fonte: ANBIMA, em 27.11.2020